



Saudação

Caros (as) colegas

Estamos, mais uma vez, a chegar aquela data anual de Natal e Ano Novo quando é chegada a hora de revisitar o que foi feito no corrente ano de 2022 e perspetivar o futuro para a nossa classe de Engenheiros, Engenheiros Técnicos e Arquitetos no que diz respeito ao trabalho necessário a realizar pela Direção do SNEET a fim de dignificar e prestigiar a nossa classe.

No corrente ano, apesar das dificuldades, podemos afirmar que foi feito o trabalho necessário para manter e até incrementar a defesa da nossa classe nas áreas que são da competência do Sindicato. Na parte financeira recuperou se a situação negativa que se vivia tendo-se hoje uma situação estável e equilibrada tendo o sindicato de ter todavia um controle rigoroso nos gastos e na despesa. No âmbito da Contratação Coletiva temos seguido e apoiado toda a ação desenvolvida nesta área nuclear e fundamental de ação. Aqui é justo realçar toda a atividade desenvolvida por todos os nossos delegados sindicais nas empresas que com entrega, firmeza e sacrifício pessoal têm defendido os interesses da classe. Fica aqui um agradecimento da Direção a todos eles.

Este não é o local próprio para se fazer um balanço da nossa actividade mas não queria

deixar neste momento de realçar estes dois aspetos marcantes da nossa vida sindical neste momento.

A situação económica e política apesar de alguns resultados obtidos nos combates á inflação galopante e á pobreza ainda não é suficiente para dar uma resposta global e eficaz aos problemas que o País enfrenta, nomeadamente á perda do poder de compra dos trabalhadores e reformados. Os aumentos dos salários e das reformas têm de compensar a erosão provocada pela inflação e isso não está a ser suficiente apesar dos esforços feitos. Temos de ser melhores e apostar nas políticas que promovam o crescimento e o emprego no País aproveitando os fundos europeus e o PRR.

Fazemos votos para que o ano de 2023 seja um ano em que, apesar das grandes dificuldades que iremos enfrentar sejamos capazes de as ultrapassar seguindo o caminho mais correto e adequado às circunstâncias.

A Direção do SNEET deseja a todos os sócios e respetivas famílias um bom Natal e um Ótimo Ano Novo de 2023.

João de Deus Gomes Pires,
Presidente do SNEET



António Marques
diretor

Editorial

Existem colegas nossos que por uma razão ou por outra não reconhecem o trabalho que os sindicalistas e os dirigentes sindicais realizam nos tempos modernos, consideram mesmo que são organizações do passado, talvez mesmo obsoletas, que não cabem na complexibilidade do mundo actual e das suas relações entre o mundo laboral e o mundo empresarial. Advogam que uma negociação pessoal, lhes pode proporcionar uma melhor remuneração, se não mesmo, melhores condições de vida.

São temas recorrentes que voltam à ordem do dia ciclicamente, porém o mundo sindical não se define pelas necessidades pessoais, mas pela necessidade de representação colectiva de uma determinada classe ou grupo profissional, na definição de carreiras, de escalões, de vencimentos, numa continua discussão e evolução.

E isto só acontece porque existem estruturas como esta que visam compreender a classe onde se inserem, estabelecem as metas de negociação, como meta de conseguirem benefícios para os seus associados, quer elas sejam no campo remuneratório, quer na valorização de uma classe.

O sindicato e o sindicalismo é sempre uma visão colectiva da resolução dos problemas laborais nos limites do dialogo e quando necessário da luta.

Esta é a principal bandeira, assim foi no passado, será assim no presente e seguramente no futuro. Mantenhamo-nos unidos.



Contributos para a história

Antecedentes

O insipiente desenvolvimento industrial do país em relação à evolução que percorria toda a Europa, em Portugal só começou a dar mostras e a tomar o rumo após a derrota de D. Miguel e da sua ala absolutista e feudal. Em 1834, em Lisboa é extinta a Casa dos 24, uma organização fundada por D. João I aquando da sua subida ao trono, uma organização composta por mestres de diversos ofícios. Dissolvida após a chegada dos Filipes ao trono português, havia retomado a sua actividade e a sua representatividade após a restauração. A Casa dos 24 era assim uma estrutura que agrupava e defendia os interesses dos mestres artesãos, desde a idade média, existindo aí dois representantes de cada ofício. Esta estrutura mostrava bem o cariz medieval que se encontrava enraizado na sociedade portuguesa. As sociedades mudavam rapidamente e Portugal tinha que acertar o passo e as velhas estruturas irão desfragmentar-se em outro tipo de organizações, grémios, associações mutualistas, associações de fins e objectivos diversos designadamente empresariais, proto sindicatos e sindicatos.

O surto de desenvolvimento que percorria toda a Europa e o mundo está bem patente nos quadros de crescimento da população europeia e mundial entre 1750 e 1900.



Crescimento da População Europa (amostra)*

	1750	1800	1900
França	23	27,3	38,9
Grã-Bretanha	7,4	15	38
Portugal	2,8	2,9	5,4

* em milhões

Quadro 1

Crescimento da População Mundial (amostra)*

	1750	1800	1900
Europa	140	187	420
Ásia	437	672	850
América	46	156	1 844
África	-	100	140
Oceania	2	2	6
TOTAL	625	1 117	3 260

Quadro 2

Uma das consequências e por arrastamento da industrialização a par de outros factores dos quais os mais evidentes embora não suficientes são, por exemplo, os avanços da medicina, a invenção das vacinas, o progresso da higiene pessoal e colectiva, as altas produções agrícolas que propiciaram uma melhor alimentação das populações e por esse motivo uma maior resistência aos micróbios, vírus e outros factores patogénicos que contribuíam para as pestes e pandemias.

É, pois, um dos grandes indicadores do desenvolvimento da Europa ao longo do século XVIII é o aumento demográfico aliado às rápidas mudanças no campo social e político, cujas maiores manifestações se enqua-

dram na França e na Inglaterra. De facto, o século XVIII é o século das Revoluções e entre elas é também considerada a "Revolução Demográfica".

Embora não haja em muitos casos estatísticas precisas da época, podemos com uma pequena margem de dúvida e erro considerar certos os Quadros 1 e 2, pois que com menos milhar ou mais milhar é inegável o crescimento repentino da população mundial no séc. XVIII. Por outro lado, verifica-se também nas zonas que conhecem uma descolagem industrial uma tendência para a elevação da taxa de natalidade durante todo o séc. XVIII, verifica-se também um decréscimo na curva de óbitos. Estes factores conjugados proporcionam um exército de mão-de-obra com um elevado número de jovens.

Mas o aumento demográfico não constitui só por si factor de descolagem industrial pois verifica-se que embora houvesse um aumento populacional na Ásia não se deu arranque industrial durante todo o séc. XVIII.

No caso da Grã-Bretanha que tinha um crescimento demográfico inferior aos dos outros países da Europa temos que ter em consideração que a Grã-Bretanha tem à sua disposição a mão-de-obra vinda da Irlanda que constitui um fundo de reserva, que é utilizado na construção civil em Londres, nas fábricas e nos trabalhos públicos.

Há a considerar o facto extremamente im-

SINDICATO NACIONAL DOS
ENGENHEIROS, ENGENHEIROS
TÉCNICOS E ARQUITECTOS

PRESIDENTE

Eng.º João de Deus

MORADA

Praça D. João da Câmara 19, 3.º Esq.
1200-147 Lisboa

TELEFONE

(+351) 213 240 800
(+351) 917 369 704

EMAIL

geral@sneet.pt

www.sneet.pt



FICHA TÉCNICA

BOLETIM SINDICAL DIGITAL

DIRECTOR

- Eng.º António Marques

COMPOSIÇÃO

- Ana Olival

sindical (parte 2)

portante de o progresso técnico se apoiar na investigação científica. A física e a química moderna impõem-se e as suas descobertas permitem o aparecimento de novas indústrias, lixívia, soda industrial, a descoberta de novas fontes de energia como o petróleo, a electricidade.

Número de máquinas em actividade

	1830
França	15 000
Grã-Bretanha	3 000
Portugal	1

Quadro 3

Todavia os produtos precisam de estradas, ou seja, vias de escoamento, é preciso que o produto saia da fábrica e chegue no mais curto espaço de tempo ao consumidor, a velocidade reduz os custos e as amortizações. As redes de estradas são melhoradas, as viagens de diligência tomam-se mais rápidas, os rios são aproveitados como forma de fazer circular os produtos. Por toda a Europa o rio liga e une. Aparece o barco a vapor construído em ferro. Por volta de 1820 timidamente aparece o meio de locomoção que irá ligar milhares de quilómetros, a locomotiva a vapor, dois carris paralelos, uma máquina que se move sobre eles e que puxa “carros” que podem transportar milhares de toneladas de mercadorias e pessoas.

A locomotiva a vapor dará um enorme incremento à indústria mineira de carvão e ferro, e à indústria metalúrgica, permite ainda criar



Inauguração do Caminho de Ferro, 1856, por Alfredo Roque Gameiro

um sem número de novos postos de trabalho. Por toda a Europa o carril ganha terreno porque é um investimento fácil e seguro. Novas companhias se formam com capitais vindos de acções. A locomotiva aumenta ainda mais a velocidade de circulação de produtos e matérias-primas e a quantidade transportada.

Os novos tempos chegam também à organização urbana, transformando a velha cidade no coração do capitalismo emergente, com a implantação da indústria, houve necessidade de atrair e fixar a mão-de obra, como por exemplo os camponeses que afluíam às cidades para trabalhar atraídos por melhores rendimentos do seu trabalho. As cidades ligadas a zonas industriais aumentam incommensuravelmente de população, Lisboa e Porto foram exemplos deste afluxo com um crescimento desordenado. na generalidade

dos casos, cresceram os bairros de pobres, quando mesmo de barracas. A cidade teve de responder ao afluxo de mão-de-obra. As fábricas precisam de operários e todos os dias afluem novos concorrentes ao mercado de trabalho; há que responder à necessidade de instalar esta energia sem a qual as fábricas não laboram.

Assim, por exemplo, o Reino Unido tem em 1851 uma população de 26 milhões em que 14 são população rural e 12 população urbana ou seja 52% e 48%. Em 1881 tem 32 milhões de população, com 12 milhões população rural e 21 milhões população urbana, 37 % e 63%, em 1911 tem 46 milhões em que 13 milhões população rural e 33 milhões população urbana, 27% e 73% respectivamente. Em França os indicadores registam também um decréscimo na população rural e crescimento da população urbana, embora não tão acentuado como no Reino Unido. A França tem uma população de 36 milhões de habitantes com 27 milhões população rural e 9 população urbana, 75% e 25%. Em 1911 tem 40 milhões sendo 22 milhões rural e 18 milhões urbanos, 56% e 44%. Portanto a população urbana entre 1851 e 1911 duplicou em França e triplicou no Reino Unido.

Em geral verifica-se uma arrancada brutal da urbanização em todas as zonas ligadas ao desenvolvimento capitalista e esta arrancada favorece as grandes cidades. Londres duplica em trinta anos e atinge 4 milhões de habitantes. Paris atinge 3 milhões de habitantes. Berlim no decurso do séc. XIX regista um aumento de 872% e bate todos os recordes de crescimento urbano.

É a concentração do poder e da produção a cidade centraliza todo o poder decisório quer económico quer político. A cidade situa-se na encruzilhada da circulação moderna, quer ela seja ferroviária ou marítima, ficando assim na posição de conquista dos mercados rurais e dos pequenos aglomerados. A grande cidade facilita o controlo por parte dos banqueiros dos seus financiamentos e empréstimos aos industriais. A indústria multiplica os serviços públicos e privados. A cidade está assim no coração do desenvolvimento capitalista, centro de distribuição dos bens, dos serviços e dos capitais.

“A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural.”

Desenvolvimento mundial das redes ferroviárias (em Km)

	1850	1870	1900	1913
Europa	23 500	104 000	282 000	359 000
Reino Unido	10 000	24 500	33 000	38 000
França	6 000	19 000	43 000	61 000
Portugal	26	1 014	2 071	2 356
Américas	14 800	90 000	357 000	564 000
Ásia		8 400	60 000	108 000
África		1 800	20 000	35 000
Oceania	40	1 800	24 000	35 000
TOTAL	54 366	250 514	821 071	1 202 356

Quadro 4

0

SYNDICAT
EUROPEAN
TRADE UNION

Zero Death At Work

2022
IWMD
2023

Manifesto “Zero Death at Work by 2030”

Mortes no local de trabalho aumentam em 12 países da UE

Segundo uma recente investigação sindical, as mortes no trabalho continuarão a afetar a Europa durante quase uma década, mais do que o previsto anteriormente, após um aumento dos acidentes mortais em quase metade dos Estados-Membros. Prevê-se agora que os acidentes mortais no trabalho se prolonguem até 2062, com base na taxa atual – durante mais sete anos do que se previa anteriormente.

Este atraso surge depois de um aumento de mortes no trabalho em 12 países entre 2019 e 2020, sobretudo em Itália (+285), Espanha (+45) e Portugal (+27).

A CES apela à UE e aos governos nacionais para que parem com as mortes no local de trabalho, apoiando o Manifesto “Zero Mortes no Trabalho”, que conta agora com mais de 150 apoiantes, incluindo ministros nacionais, eurodeputados, peritos e dirigentes sindicais.

Com base na nova previsão, as mortes no local de trabalho deverão continuar até ao próximo século, em Itália e na Hungria. Seguindo a tendência atual, as mortes no local de trabalho nunca serão eliminadas em Espanha ou em França.

Se os acidentes mortais continuarem ao mesmo ritmo da década anterior, espera-se a ocorrência de mais 25.166 mortes no local de trabalho, em toda a Europa, entre 2021 e 2029.

Estado-Membro	Acidentes mortais em 2020	Mudança vs 2019
Itália	776	+ 285
Espanha	392	+ 45
Portugal	131	+ 27
República Checa	108	+ 13
Chipre	16	+ 6
Polónia	190	+ 6
Malta	7	+ 4
Bulgária	88	+ 3
Bélgica	54	+ 2
Croácia	45	+ 2
Eslovénia	17	+ 2
Lituânia	38	+ 1

Nota: Este quadro mostra as conclusões da análise prevista para uma seleção de Estados-Membros, com o novo horizonte de morte zero estimado e o número de mortes previstas para 2021 e 2029.

Por exemplo, prevê-se agora que os acidentes mortais terminem em 2124 em Itália - 82 anos mais tarde do que as previsões anteriores realizadas no ano passado. As análises de previsão foram efetuadas separadamente para cada Estado-Membro selecionado e para a UE27 no seu conjunto.

Os números fazem parte de uma análise dos dados do Eurostat conduzida por Pierre Bérestégui, da ETUI, e são publicados quando a CES enuncia a necessidade de um apoio substancialmente maior à sua campanha “Zero Mortes no Trabalho”.

Os Ministros do Trabalho da Eslováquia e da Eslovénia assinaram agora o Manifesto da CES, aumentando o número de ministros que apoiam as medidas necessárias para acabar com as mortes no trabalho.

Os vice-presidentes do Parlamento Europeu, os presidentes do S&D e os copresidentes dos grupos Verdes e Esquerda no Parlamento Europeu, bem como os eurodeputados dos grupos PPE e Renovar, também assinaram o Manifesto.

O Manifesto exorta a União Europeia, os governos dos Estados Membros e os empregadores:

- Para se comprometerem e tomarem as medidas necessárias para alcançar zero mortes no trabalho;
- Para um aumento da formação, proteção, comunicação, inspeções e sanções no local de trabalho;
- Para serem desenvolvidas novas iniciativas legislativas no próximo mandato da Comissão Europeia e do Parlamento a partir de 2024.

A CES pretende entregar um manifesto final no Dia Internacional em Memória dos Trabalhadores vítimas de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais de 2023. O Secretário-Geral Adjunto da CES, Claes-Mikael Stahl, afirmou:

“As pessoas vão trabalhar para ganhar a vida, mas muitas pessoas na Europa estão, em vez disso, a perder a vida para trabalhar. Pais, parceiros e filhos das pessoas que vão trabalhar e



nunca voltam para casa devido ao seu trabalho precário ou à existência de legislação que, ainda, permite práticas de trabalho inseguras.”

“Muitas vidas foram salvas, nas últimas décadas, através de adoção de uma legislação de segurança mais forte, mas os nossos números mostram que os progressos estão a estagnar, em alguns países, e a ser completamente invertidos noutros.”

“O facto de os acidentes de trabalho mortais estarem, novamente, a aumentar em toda a Europa mostra que os empregadores e os políticos deveriam estar preocupados e mostra que precisamos de renovar o nosso compromisso para manter as pessoas seguras no trabalho.”

“Ninguém escapa à morte. Mas a morte no trabalho é diferente. É uma perda fatal que poderia ter sido evitada. Acabar com estas tragédias evitáveis é absolutamente possível existindo uma vontade política certa e aplaudimos os ministros e os eurodeputados que, hoje, se comprometeram a tomar as medidas necessárias para que seja possível Zero Mortes no Trabalho”.

Nota:

Os acidentes mortais no trabalho não incluem os milhares de mortes causadas todos os anos por doenças profissionais e não incluem acidentes não mortais